

## OS SEM-TERRA E O REI DO GADO: UM ESTUDO DE CASO

**Cesar Luis Barbosa Calonio**

*Esta pesquisa, desenvolvida no interior de Pernambuco, procurou estudar como se deu a recepção televisiva entre agricultores sem-terra retratados pela novela "O rei do gado". Personagens de uma trama real, os assentados do Engenho Pitanga oscilam entre a aceitação dos conteúdos veiculados e a crítica velada aos mesmos. Suas vivências empíricas, em ambos os caos, mostraram-se fundamentais para uma tomada de posição.*

Duzentas mil páginas de texto! Setenta milhões de telespectadores, diariamente, durante cerca de oito meses. A novela "O rei do gado" atingiu um público maior do que a população da maioria dos países do mundo. Este público, em si mesmo diferenciado por uma série de características culturais, recebe uma novela, noticiário ou filme exatamente de acordo com suas idiossincrasias.

Dentre os temas tratados, um chamou em especial a nossa atenção: foi o tratamento da questão da reforma agrária, tão em voga nos debates nacionais nos últimos anos, em especial após a emergência do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra. Ocupações de terra, reivindicações, fechamento de estradas e mobilizações em nível nacional fizeram com que a questão fosse agendada pela mídia.

Assim foi que, de junho de 1996 a fevereiro de 1997 a Rede Globo levou ao ar "O rei do gado". Dentre os telespectadores, alguns em especial nos interessavam, enquanto receptores. Eram os sem-terra, aqueles que faziam a história real e, com suas ações, praticamente obrigavam que a mídia não só abordasse a questão nos telejornais como a levasse também para uma obra de ficção.

Pesquisamos então a representação simbólica destes receptores entre os assentados do Engenho Pitanga (PE), sem-terras durante o dia e receptores à noite de uma peça televisiva que retratava sua luta (como trama secundária, é verdade). Como veremos ao longo do trabalho, temos hoje indicativos de que realmente a recepção dos sem-terra é mediada pela vivência, pela experiência, pela carga cultural destes telespectadores.

## O PROBLEMA DE PESQUISA

Estudamos a maneira pela qual os agricultores sem-terra do Engenho Pitanga, assentamento localizado em Abreu e Lima (PE), emprestaram significado à novela “O Rei do Gado”, da Rede Globo de Televisão, especificamente no que se referia às temáticas relativas ao movimento sem-terra, tendo em vista as histórias de vida destes assentados. Os agricultores sem-terra são um importante foco de pesquisa na sociedade atual, uma vez que parecem estar assumindo uma posição de destaque entre os movimentos sociais. Compreender o significado que os agricultores do Engenho Pitanga emprestam à representação veiculada acerca da luta pela terra em “O Rei do Gado” é, neste sentido, relevante para entender como pensam estes atores sociais pertencentes às culturas populares.

Néstor García Canclini, ao estudar as culturas populares num contexto de hegemonia, mostra a importância de se considerar a sua pluralidade, dentro das quais a produção e o consumo ocorrem de diferentes maneiras. Produção e consumo, segundo ele, não podem ser considerados apenas o espaço concreto, no qual a pessoa trabalha ou adquire algum objeto. Além destes, devem ser considerados os espaços de produção e consumo simbólicos<sup>1</sup>. Neste sentido, os sem-terra possuem produção e consumo diferenciados das demais culturas populares. Compreendendo o significado que emprestaram à novela “O Rei do Gado”, tivemos acesso à representação diferenciada dos agricultores sem-terra, ou seja, ao consumo simbólico de que trata Canclini.

O confronto entre as representações dos agricultores do Engenho Pitanga a respeito da luta pela terra e as histórias veiculadas em “O Rei do Gado” acerca da questão, levou em conta as mediações culturais que tornam este receptor diferenciado, de maneira que nos possibilitou compreender o significado atribuído às mensagens pelos agricultores sem-terra. Assim, se a representação da novela foi considerada massiva, voltada para um público

---

<sup>1</sup>Ver a esse respeito CANCLINI, Néstor García. “Cultura transnacional y culturas populares: bases teórico-metodológicas para la investigación” in Cultura transnacional y culturas populares. Lima: IPAL, 1988.

genérico, sua decodificação pelos agricultores sem-terra deve ser vista aqui como marcada pela própria luta que desenvolvem os agricultores para serem proprietários de seus meios de produção.

Se cultura é “*el conjunto de procesos simbólicos a través de los cuales se comprende, se reproduce y transforma la estructura social*”<sup>2</sup> (os grifos são do autor), compreendendo-a teremos acesso às representações dos agricultores sem-terra. No contato com os agricultores, na participação em suas atividades cotidianas e, principalmente, ao tomar conhecimento de suas histórias pessoais e coletivas, é que compreendemos as mediações culturais que perpassaram a decodificação de “O Rei do Gado”.

Para efeito desta pesquisa, um agricultor foi considerado sem-terra, mesmo que não tenha participado ativamente ou seja filiado a algum movimento de luta pela terra. Importa, mais do que a atividade enquanto membro de um movimento organizado, o sentido de pertencimento simbólico e cultural, através da qual o agricultor partilha dos códigos e aspirações de determinado segmento social. No interior de uma sociedade capitalista, na qual a cultura hegemônica é prevalecente, os sem-terra pertencem às culturas populares. Nesta há diferenças e conflitos, conforme já foi dito, e um trabalhador rural pode não se considerar um sem-terra. É, portanto, necessário levar em conta estas questões simbólicas, subjetivas<sup>3</sup>.

A representação simbólica das classes populares pode ser decodificada numa telenovela<sup>4</sup>. A produção de um bem cultural como este é veiculada na televisão, o meio massivo de maior penetração atualmente nas classes populares, devido talvez às suas

---

<sup>2</sup>CANCLINI. op. cit. p.29.

<sup>3</sup>Um exemplo, em “O Rei do Gado”, de um membro da classe popular que não partilha dos códigos da cultura subalterna, ocorreu no capítulo 114. A governanta da mansão dos Mezenga em Ribeirão Preto, Julia (Maria Helena Pader) irrita-se por ter servido o jantar a agricultores sem-terra que foram conversar com seu patrão. Julia demonstra com sua irritação a identificação com a cultura hegemônica, expressa também quando não há ninguém na casa e ela, juntamente com o motorista Dimas (Paulo Coronato), veste-se com as roupas dos patrões e os imitam.

<sup>4</sup>Ver a este respeito LEAL, Ondina Fachel. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis: Vozes, 1990. Ou ainda RONSINI, Veneza Mayora. *Cotidiano rural e recepção de telenovela: o caso de Três Barras*. São Paulo: tese de doutorado. Escola de comunicação e artes da USP, 1993.

próprias características<sup>5</sup>. As telenovelas, apesar de terem maior audiência nestas classes, apresentam uma série de situações nas quais fica expresso o conflito das concepções hegemônicas/subalternas, o que permite ao espectador “escolher” ou ressignificar uma das concepções veiculadas.

Cabe ressaltar, no entanto, que desconhecemos estudos empíricos baseados na corrente latino-americana das Mediações Culturais com pessoas pertencentes a movimentos sociais. Néstor García Canclini, um dos principais teóricos desta corrente, nos alerta para este fato, reclamando "análises mais extensas sobre os movimentos sociais"<sup>6</sup>. Sendo os sem-terra um movimento social de projeção no Brasil atualmente, acreditamos que tenha sido válida a tentativa de se trabalhar no sentido de ter estudos que dessem conta da preocupação de Canclini.

---

<sup>5</sup>Ver a este respeito VAN TILBURG, João Luis. A televisão e o mundo do trabalho. São Paulo: Paulinas, 1990. Neste trabalho o autor procura as razões que motivam um trabalhador, após “um dia de trabalho exaustivo”, a sintonizar sua Tv num determinado programa. Partindo da premissa de que esta exaustão dificulta o trabalhador de ter uma atividade que lhe exija maior esforço intelectual, Van Tilburg chega à conclusão de que a televisão, por suas características (mormente a não-exigência de raciocínio devido à rápida sequência de imagens), é o “entretenimento mais adequado” para o trabalhador. Para o autor, o espectador “procura não no conteúdo, mas na forma, satisfazer a uma necessidade”.

<sup>6</sup>CANCLINI, Nestor García. Consumidores e cidadãos. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 1995. p.43.

## METODOLOGIA

Trabalhar com as mediações culturais implica num exercício de raciocínio e perspicácia, pois demanda um trabalho de observação complexo, amplo, no que tange ao açambarcamento das determinações culturais que envolvem a comunidade em questão. Entretanto, a observação do contexto mais genérico em que receptores vivem não nos desobrigou de priorizar alguns aspectos, como a luta pela terra, por exemplo. Neste sentido, ressaltamos a observação metodológica de Nilda Jacks: “estudar as mediações implica, também, saber de antemão que a pesquisa terá de privilegiar algumas delas, mesmo sabendo que são inúmeras - do contrário, existe o risco de não sair do projeto<sup>7</sup>”.

Priorizando sempre a luta pela terra como uma mediação fundamental para a compreensão da recepção de “O rei do gado”, fomos a campo, inicialmente numa pesquisa exploratória no Pontal do Paranapanema. Local do país onde se dão os conflitos mais constantes, achamos que o Pontal era uma região que propiciaria a confirmação de nossas impressões iniciais. Neste sentido, convivemos durante dois dias com os acampados e fazendo entrevistas informais com as lideranças do movimento.

Uma vez confirmado o interesse pelo objeto de estudo proposto, partimos para a coleta propriamente dita, no Engenho Pitanga. Com relação à coleta de dados primários, fizemo-la em dois momentos: num primeiro trabalhamos as expectativas dos agricultores sem-terra quanto ao desfecho dos personagens ligados à reforma agrária em “O Rei do Gado”, priorizando a observação dos seguintes aspectos:

- Os sem-terra iriam conseguir/não conseguir a posse da terra. De que maneira?

---

<sup>7</sup>JACKS, Nilda. “**Pesquisa de recepção e cultura regional**”. Sujeito, o lado oculto do receptor. In: SOUZA, Mauro Wilton de (org.). São Paulo: Brasiliense, 1995. p.153

- Por que iriam conseguir/não conseguir a posse da terra?
- O que mais escreveria caso fosse autor da novela?
- Há relação entre a novela e a luta dos asentados do Engenho Pitanga? Se sim, qual? Se não por que?
- Qual a importância da novela para o movimento?

Desta forma percebemos como o universo simbólico dos receptores trabalhava esta questão, levando em conta que o final de uma novela sinaliza o fim de um ciclo. Através deste desfecho imaginário percebemos o que os sem-terra desejavam que acontecesse com aqueles personagens, enquanto projeção de um “final” que desejam para eles mesmos.

No segundo momento, já depois do final da novela, o trabalho voltou-se para verificar se as expectativas acima foram contempladas pelo final da novela. Caso não tivessem sido, trabalhamos em torno das frustrações das pessoas. Em ambos os casos, o objetivo foi perceber de que forma a história deles, de luta pela terra, agiu como uma mediação cultural para que se sentissem satisfeitos ou frustrados. Para o resgate histórico da luta pela terra no Engenho Pitanga também contribuiu, enquanto dados secundários, a leitura dos artigos de Salett Tauk e Angelo Brás Callou sobre a comunidade<sup>8</sup>.

Em ambos os momentos trabalhamos com entrevistas abertas, nas quais o entrevistado pudesse ter maior liberdade para falar do assunto que lhe interesse. A escolha pela entrevista aberta justifica-se também pelo fato de que nosso interesse é pelo universo simbólico do receptor. Caso fossem colocadas perguntas que dirigissem sobremaneira o processo da entrevista, este simbolismo poderia não aflorar em sua plenitude e poderiam perder-se dados de ordem cultural e simbólica importantes para a pesquisa.

No que se refere à percepção da carga cultural que influi na recepção e na atribuição de determinados significados à telenovela, o método escolhido foi a história de vida.

---

<sup>8</sup>Ver a esse respeito SANTOS, Maria Salett Tauk. A pesquisa-ação como prática acadêmica: a prática possível. João Pessoa: II Simpósio de pesquisa em Comunicação da Região Nordeste. mimeo., 1993. Da mesma autora: Comunicação e educação no mundo rural: uma experiência libertadora com pequenos agricultores. In: Cadernos de extensão rural 2. Recife: UFRPE/ADURPE, 1988. p.21-8. E A participação na comunicação rural: do difusionismo modernizador ao desenvolvimento auto-sustentável. In: Revista Symposium. Vol. 34, nº 1, jan/jun. 1992. p.53-64. De SANTOS et CALLOU, Angelo Brás. Alternativas de comunicação rural e participação popular: uma experiência em assentamento de reforma agrária. In: BRAGA,

Através deste método tivemos acesso à informações que possibilitaram a leitura dos fenômenos que contribuíram para que os sem-terra tivessem uma recepção diferenciada acerca da veiculação em “O Rei do Gado” de elementos referentes à luta de que participam. Concordamos, assim, com Lopes, quando esta postula que “a elaboração e utilização dos modelos acham-se... comprimidas entre as exigências da teoria e a necessária adequação ao objeto de conhecimento<sup>9</sup>”.

Trabalhamos com três famílias, num total de doze pessoas. Na maioria das vezes, o pesquisador hospedou-se na casa dos assentados, a fim de acompanhar o cotidiano das famílias, verificando assim mais de perto suas rotinas, desde o trabalho doméstico até o assistir novela junto com eles. Alguns pontos observados nessas ocasiões form:

- Identificação dos agricultores do Engenho Pitanga com Jacira, Regino e demais agricultores sem-terra;
- Os agricultores do Engenho Pitanga consideram-se sem-terra?
- Quais as lideranças da comunidade;
- Como era a relação da comunidade com os movimentos de luta pela posse da terra em Pernambuco;
- Qual o significado que possuía a Tv para as pessoas da comunidade.

Para efeito da pesquisa, tivemos o cuidado de diferenciar as famílias com as quais trabalhamos através do critério de engajamento na luta pela terra. Um famílias possuíam uma história atual e pregressa de liderança das atividades do movimento no Engenho Pitanga. Outras famílias deviam ter como característica participação sem atividades de liderança. Esta diferenciação, tendo como base as variáveis de liderança e participação das pessoas no movimento, deve-se ao fato de que, para ter uma idéia precisa acerca da aceitação, rejeição ou refuncionalização das mensagens veiculadas sobre a reforma agrária em “O Rei do Gado”, precisaríamos dispor de vários perfis de sem-terra. Interessava-nos tanto aquele que é engajado e participa das atividades diariamente como aquele agricultor que prefere dedicar-se mais às atividades de plantio do que participar de reuniões ou grupos de formação política.

---

Geraldo Magela e KUNSCH, Margarida K. Comunicação rural - discurso e prática. Viçosa: UFV/INTERCOM, 1993. p. 128-137.

<sup>9</sup>LOPES. Pesquisa em comunicação. São Paulo: Ed. Loyola, 1994. p.98.

O tipo de trabalho aqui proposto teve a vantagem do aprofundamento teórico em torno de uma amostra relativamente pequena. Se foi inviável extrapolar e chegar a conclusões mais genéricas, relativas aos sem-terra no país como um todo, deve-se valorizar a especificidade dos dados trabalhados, fundamental num estudo onde a cultura é uma categoria fundamental para o entendimento do objeto estudado. A escolha de apenas três famílias, em um assentamento do Estado de Pernambuco, deveu-se à impossibilidade de pesquisar maior número de assentamentos em outros estados, devido à escassez de tempo disponível.

### **MARCO TEÓRICO**

Os estudos do novo marco teórico construído na América Latina, no âmbito da comunicação e cultura, foram marcados pela redescoberta no meio científico dos textos de Antonio Gramsci, para o qual deve-se utilizar o conceito de hegemonia e não o de dominação para se entender as classes populares. Classe hegemônica, para Gramsci, é aquela que dissemina sua concepção de mundo para o restante da sociedade. Os meios de comunicação de massa são um dos meios pelos quais as classes subalternas têm acesso às concepções hegemônicas. No entanto, elas não encontram todas as respostas para suas questões na concepção veiculada pela classe hegemônica. Acontece então que têm determinadas ações ancoradas em visões de mundo contrárias às que lhes foram passadas pela classe hegemônica.

Desta linha de pensamento aproveitaram-se alguns teóricos latino-americanos, como Martín-Barbero, García Canclini, Guillermo Orozco e Jorge González, dentre outros, para elaborar nova teoria acerca dos fenômenos da comunicação, em especial a questão da recepção de mensagens veiculadas pelos meios massivos<sup>10</sup>. Segundo esta abordagem, o

---

<sup>10</sup>O que estes autores compreendem por massivo vai além dos meios de comunicação de massa. O massivo “no es algo completamente ajeno ni exterior a lo popular, hecho malévolamente por las clases dominantes para invadir o sustituir la cultura propia de los sectores populares. Lo masivo es la forma que adoptan, estructuralmente, las relaciones sociales en una sociedad en la que todo es masificado: el mercado de trabajo, los procesos productivos y el diseño de los objetos, incluso las luchas populares. La cultura masiva es una modalidad inescusable del desarrollo de las clases populares en una sociedad que es de masas”, Cf. CANCLINI, Néstor García. op. cit. p. 40-1.

receptor rejeita, refuncionaliza ou aceita as informações recebidas, sendo portanto um ser ativo, pensante.

Vários estudos de recepção, desde então, tiveram outro enfoque. Segundo Mauro Wilton de Souza, o que se quer, no novo marco teórico, é “resgatar a vida, a iniciativa, a criatividade dos sujeitos; quer resgatar a complexidade da vida cotidiana, como espaço de produção de sentido; quer resgatar o caráter lúdico da relação com os meios; quer romper com aquele racionalismo que pensa a relação com os meios somente em termos de conhecimento ou desconhecimento, em termos ideológicos; quer resgatar, além do caráter lúdico, o caráter libidinal, desejoso, da relação com os meios<sup>11</sup>”.

É preciso estar atento, ao estudar as classes populares, ao seu cotidiano, enquanto tentativa de se apreender as peculiaridades culturais. Entende-se, para efeito deste trabalho, que cotidiano é o espaço onde as pessoas emprestam significado às mensagens, mediatizando-as através de sua inserção social. É nestas mediações que se dão os significados atribuídos aos bens simbólicos. É na análise do cotidiano que o pesquisador tem acesso à formação cultural de uma comunidade. Importa perceber então as instâncias do trabalho, as relações familiares e a todo este conjunto que Canclini chama de “reproducción de la vida”, para que tenhamos acesso ao significado que as classes populares emprestam a determinada mensagem veiculada por um meio massivo.

Deve-se ressaltar que a novela, por exemplo, produzida por um meio massivo, em contraposição ao popular, dá a este, contraditoriamente, o reconhecimento de que necessita. Diz Canclini: “Tal vez pudiéramos entender por qué la televisión es tan atractiva para los sectores populares, incluso la publicidad de objetos que no pueden comprar, si en vez de partir de la hipótesis de la dominación, examináramos el servicio que presta a las clases subalternas como ‘manual de urbanidad’ que indica como vestirse, comer y expresar los sentimientos en la ciudad”<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup>MARTÍN-BARBERO, Jesús. “América Latina e os anos recentes: o estudo de recepção em comunicação social”. In: SOUZA, Mauro Wilton. Sujeito... op. cit. p.54.

<sup>12</sup>CANCLINI. Cultura... op. cit. p.38-9.

Os meios de comunicação de massa elaboram fatos em que, muitas vezes, aqueles que foram os protagonistas dos fatos vão se constituir posteriormente em seus consumidores. A notícia ou a novela é consumida como cultura hegemônica, a partir do tratamento dado pelos meios de comunicação, apesar da fonte muitas vezes ser popular, como no caso da questão dos sem-terra em “O rei do gado” . Neste caso, os fatos podem retornar para aqueles que os fizeram tornar-se um acontecimento (no caso, as classes populares), sob um tratamento massivo. Ou ainda, podem modificar uma concepção “originalmente” popular. Lembro os conceitos acima expostos de “pluralidade” das culturas populares, segundo Canclini e os estudos de Martín-Barbero sobre as mediações culturais para ressaltar a noção do quanto o processo ideológico-cultural é dinâmico.

Ao nosso ver, a mudança de uma “concepção originariamente popular” passará, necessariamente, pela história e pela auto-determinação dos sujeitos que recebem as mensagens. Se estes fatores os levarem a aceitar a ideologia veiculada, assim o farão. Caso contrário, a rejeitarão. Ou, numa hipótese intermediária, irão refuncionalizá-la, dando usos diferenciados para estas mensagens, conforme sua realidade.

Quanto à produção das mensagens, é preciso prestar atenção em vários aspectos da enunciação, tais como o discurso da mídia, as histórias que a trama veicula acerca dos personagens pertencentes às classes populares, além dos produtos vendidos pela Indústria Cultural. Se é o “reconhecimento” que as classes populares buscam numa telenovela ou mesmo no telejornalismo, precisamos antes conhecê-las, “mergulhando” em seu cotidiano, para posteriormente re-conhecer as mesmas mensagens segundo as diferentes vivências e usos que lhes dão as classes populares.

Esta posição é baseada nos estudos de Martín-Barbero que, ao postular o estudo do processo emissão/recepção, rechaça o isolamento de suas partes componentes. Segundo ele, os estudos de recepção devem entender o processo como um todo e não devem “nos afastar dos problemas nucleares que ligam a recepção com as estruturas e as condições de

produção”<sup>13</sup>. Este autor latino-americano não relativiza o poder dos meios de comunicação de massa, como alguns lhe contestam, mas entende que, para se estudar um processo de recepção, é preciso estar atento às mediações culturais.

Desta forma, torna-se inviável tratar um problema de recepção como se fizesse parte de um processo dissociado. O processo é relacional e a recepção é o espaço escolhido por estes teóricos para a análise porque é nela que o receptor atribui significado às mensagens. Parafraseando Martín-Barbero, o que se pretende saber numa pesquisa de recepção é o que as classes populares fazem com elas mesmas, com os meios, com sua leitura.

### **ANÁLISE DOS DADOS EMPÍRICOS**

Conforme já dissemos, a compreensão dos dados colhidos no Engenho Pitanga se deu à luz do marco teórico latino-americano das mediações culturais. Apesar de não trabalharmos com hipóteses explícitas, as informações coletadas empiricamente confirmaram nossa impressões prévias, ou seja, o telespectador sem-terra do Engenho Pitanga efetivamente ‘leu’ a novela “O rei do gado” a partir de suas vivências, ou seja, foi durante o processo de recepção que atribuiu significado às mensagens veiculadas.

Apesar da trama que envolvia os personagens sem-terra ser secundária na novela, as entrevistas mostraram que, para os assentados do Engenho Pitanga, aquela trama era a principal, mantendo-os como fiéis telespectadores. Muitos deles, mesmo antes de serem perguntados sobre a questão da reforma agrária na novela, já haviam dito que era isso que os interessava.

A despeito de já estarem assentados há mais de dez anos, os entrevistados do Engenho Pitanga mostraram uma grande identificação com Regino, Jacira e demais personagens sem-terra, que ainda lutavam por um pedaço de chão, na maior parte da trama. A associação com a época em que se encontravam acampados era feita quase que imediatamente, pela grande maioria dos entrevistados. Citavam fatos, comparavam

---

<sup>13</sup>MARTÍN-BARBERO, Jesús. “América Latina e os anos recentes: o estudo de recepção em comunicação social”. In: SOUZA, Mauro Wilton de (org.). Sujeito... op. cit. p.55.

situações, chegando às vezes a inferir que a novela havia sido inspirada na história deles. Como diz Socorro:

“Aqueles personagens do Regino, a gente fez aquilo mesminho, *nós fizemos parte daquilo! O que aconteceu com a gente tá acontecendo com eles* ... Acontece na vida real aquilo que eles estão fazendo ali. Aquilo é fato real aqueles caso”.

Socorro fala como se a novela tivesse sido inspirada na luta do povo do Engenho Pitanga. Tal interpretação faz com que ela pense que primeiramente vem o empírico, a luta concreta dela e dos companheiros, para depois a novela inspirar-se na luta e então exibi-la. Afinal, “o que aconteceu com a gente tá acontecendo com eles”. Para ela é como se a novela adquirisse validade no momento em que ela e os demais companheiros vivenciaram fatos semelhantes àqueles exibidos.

Repetidas vezes os agricultores do Engenho Pitanga mostraram-se ‘ao lado’ dos sem-terra na novela, especialmente quando estes enfrentavam alguma situação conflituosa. Por exemplo, no capítulo em que Regino foi ao encontro de um latifundiário a fim de entrar em acordo com ele para que ambos tivessem ganhos na situação: os sem-terra conseguindo um pedaço de chão para plantar; o latifundiário, sendo indenizado pelo governo pelas benfeitorias feitas em sua terra. Naquele capítulo, em que assisti com José Vieira e Verônica, percebi que ambos torciam para os sem-terra, quando eles foram ameaçados pelos jagunços.

A seguir, aconteceu o que já relatei acima e se tornou a atitude mais comum entre os entrevistados quando diante do relato ou mesmo assistindo a novela: contaram uma situação vivida, análoga àquela dos personagens. José e Verônica falaram-me de uma emboscada feita contra o líder da ocupação no Engenho Pitanga. Ambos disseram que a novela retratava com fidelidade o que havia ocorrido com eles.

Defendiam também aqueles que, segundo suas avaliações, constituíam-se em aliados dos sem-terra. É o caso, por exemplo, do senador Caxias, alvo de inúmeros elogios por parte dos entrevistados. Muitos deles referiam-se ao personagem como “um homem

bom”, amigo dos pobres. Todos os entrevistados lamentaram a morte do senador na novela e responsabilizaram sua posição política a favor da reforma agrária pelo fim trágico.

Talvez pelo fato de “O rei do gado” ter preferido trilhar o caminho do discurso pacifista em vez de aprofundar o confronto entre posições díspares, não encontramos sinais de inconformismo com as pessoas ou personagens contrários à reforma agrária. Na novela o latifundiário que tem contato com os sem-terra é Bruno Mezenga, o personagem principal da trama. E, desde o princípio, apesar de breves rusgas, os acordos entre ambas as partes foram mais comuns do que os desacordos. Isso parece ter influenciado os telespectadores entrevistados, que remetiam a culpa pela situação a um “governo” ou aos “políticos” ou até mesmo aos “latifundiários”, personagens estes mais abstratos que concretos, as vezes tão fantasiosos quanto os personagens da novela.

Ao contrário do que possa parecer pelo exposto até aqui, não vimos nos receptores mais sinais de que acataram do que rejeitaram ou refuncionalizaram o que foi exibido. Durante aquele período percebi muitos sinais do que chamo um ‘acatar crítico’. Ao mesmo tempo que parece que os receptores aceitam o que é veiculado, comparando com situações já vividas, remetendo à própria experiência, há no bojo do discurso sinais de que reelaboram a trama expressa pela novela. Conforme Verônica:

“...essa novela que passa aquilo também é para mostrar a gente tudinho, que também tem muito pequeno agricultor que entra na terra, entendeu? aí, porque eles dão muito, a gente começa na terra: não tem, não tem financiamento de nada, não tem ajuda de nada. Aí os coitado se desespera, entendeu? E joga fora. Vende ou vai embora. Eu acho que eles já fazem isso para ver também a reação da gente, se a gente vai aguentar aquilo mesmo, se vai continuar, se vai continuar persistindo naquilo ali ou se vai ... agora, eu acho que essa novela é uma criticazinha ...

Muitas vezes os entrevistados mostram numa posição ambivalente, como na fala acima. Se, por um lado, sabem (e gostam) de que sua luta seja veiculada em todo o país, dando a possibilidade de que se conheça mais sobre ela, por outro têm consciência de que

não é para ajudar o movimento que uma novela enfoca a questão da reforma agrária. Como disse Arnaldo, por exemplo, que logo após criticar a Rede Globo por sua posição pró-governo, elogiou a novela por mostrar a luta dos sem-terra. Vendo explicitadas suas contradições, o entrevistado não soube resolvê-las no momento da entrevista.

Não é só a questão dos sem-terra que mobiliza os agricultores do Engenho Pitanga. Outro viés que é caro a eles e que, coincidentemente estava sendo veiculado em outra novela na mesma época, é a questão racial. A maioria dos entrevistados, mal terminava de assistir “O rei do gado”, mudava de canal e sintonizava “Xica da Silva”, na Rede Manchete. O que os mobilizava nesta outra novela, quando perguntados a respeito, era a união dos negros escravos contra a opressão da sociedade colonial. No entanto, não pude deixar de perceber, implícito, um certo sentimento de ‘vingança’ contra os que os haviam oprimido, quando Xica da Silva fazia maldades contra os brancos que a maltrataram.

A observação de que a recepção era semelhante noutra novela que não se constituía nosso objeto de estudo veio confirmar as impressões que emergiram ao final da pesquisa:

- A cultura e a vivência, seja ela étnica, de classe ou de inserção no mercado de trabalho, levam a uma determinada leitura dos fatos veiculados nos meios de comunicação de massa. A representação simbólica parece determinada por estas experiências, que tornam o receptor mais sensível a determinadas questões, mais próximas a si como, no caso de nossa pesquisa, a questão dos sem-terra e, secundariamente, a dos negros;
- A televisão é uma das poucas diversões de que dispõe os assentados e nela depositam uma confiança e um investimento afetivo bastante grandes. No entanto, essa relação fica menos ‘amistosa’ quando sentem que suas convicções mais profundas podem estar sendo manipuladas por este meio de comunicação. Ou seja, são gratos pelo que a televisão lhes oferta mas desconfiam do posicionamento ideológico das emissoras, especialmente quando estas mostram-se contrárias àquilo em que acreditam - no caso, a luta pela terra;
- Acatar, rejeitar, refuncionalizar. Dessas três pequenas decisões cotidianas postuladas por Martín-Barbero, a terceira parece ser a mais comum, na recepção de uma peça massiva. Os produtores do Engenho Pitanga nos propiciaram indicativos de que os *usos* que se faz

do massivo beiram uma certa ambivalência. Ao mesmo tempo que parecem caminhar no sentido da aceitação do que é veiculado e de sua utilização integral, sutilmente se percebe que é dado um novo sentido, útil (no sentido subjetivo) e apropriada ao cotidiano do receptor.

Esperamos ter contribuído, com esta pesquisa empírica, para o avanço dos estudos de recepção na América Latina e, em especial, no Brasil. Mais do que um estudo sobre televisão ou sobre telenovela, concentramo-nos no receptor, retratado na tela pequena, via satélite, para milhões de pessoas. Suas impressões acerca do que foi veiculado sobre sua luta constituem um material que pode ajudar o movimento dos sem-terra, os produtores de televisão e os pesquisadores em comunicação a avançarem em seus posicionamentos políticos.

#### **BIBLIOGRAFIA**

- CANCLINI, Néstor García. “Cultura transnacional y culturas populares: bases teórico-metodológicas para la investigación” in Cultura transnacional y culturas populares. Lima: IPAL, 1988. p. 19-76.
- GRUPPI, Luciano. O conceito de hegemonia em Gramsci. Rio: Graal, 1980.
- LEAL, Ondina Fachel. A leitura social da novela das oito. Petrópolis: Vozes, 1990.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Ed. Loyola, 1994.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Procesos de comunicación y matrices de cultura. México: Gustavo Gili S.A. s/d. p.124-136.
- \_\_\_\_\_. De los medios a las mediaciones - comunicación, cultura y hegemonía. México: Gustavo Gili, 1987.
- RONSINI, Veneza Mayora. Cotidiano rural e recepção de telenovela: o caso de Três Barras. São Paulo: Escola de comunicação e artes da USP, 1993.
- SANTOS, Maria Salett Tauk. A pesquisa-ação como prática acadêmica: a prática possível. João Pessoa: mimeo., 1993.
- \_\_\_\_\_. Comunicação e educação no mundo rural: uma experiência libertadora

- com pequenos agricultores. In: Cadernos de extensão rural 2. Recife: UFRPE/ADURPE, 1988. p.21-8.
- \_\_\_\_\_. A participação na comunicação rural: do difusionismo modernizador ao desenvolvimento auto-sustentável. In: Revista Symposium. Vol. 34, nº 1, jan/jun. 1992. p.53-64.
- \_\_\_\_\_ et CALLOU, Angelo Brás. Alternativas de comunicação rural e participação popular: uma experiência em assentamento de reforma agrária. In: BRAGA, Geraldo Magela e KUNSCH, Margarida K. Comunicação rural - discurso e prática. Viçosa: UFV/INTERCOM, 1993. p. 128-137.
- SOUZA, Mauro Wilton de (org.). Sujeito: o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- VAN TILBURG, João Luis. A televisão e o mundo do trabalho. São Paulo: Paulinas, 1990.